

Resenha do livro
O MODO DE PENSAR BURGUEÊS
Episteme burguesa e episteme marxista
COMO PENSA A BURGUESIA?

Marcus Gomes*

Marx afirmou que “as ideias dominantes são as ideias da classe dominante”, o que é, sem sombra de dúvida, uma verdade inquestionável e a história comprova isso cabalmente. Porém, apesar dessa verdade, muitos insistem, contra toda a história e os milhares de “fatos históricos”, para usar expressão típica de historiadores, que as coisas não são assim. Como explicar isso? Ora, o conteúdo dessa negação da predominância das ideias dominantes é, ele próprio, expressão de tais ideias e dominância cultural. O problema reside em entender como que, apesar da história demonstrar o contrário, a maioria ainda mantém um discurso que nega a realidade e a concreticidade da dominação cultural da classe dominante e, mais especificamente, da hegemonia burguesa.

Isso é respondido na obra de Nildo Viana (2018), *O Modo de Pensar Burguês*, cujo subtítulo é “*Episteme Marxista e Episteme Burguesa*”. Essa obra trata do aspecto formal do pensamento burguês, que é uma das determinações da produção e reprodução das ideias dominantes, inclusive por parte dos dominados. Essa obra é completada pelo livro “*Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*” (Viana, 2019)¹. Se na primeira obra traz a essência formal da episteme burguesa, na segunda mostra sua historicidade através das renovações hegemônicas e mutações paradigmáticas que acompanham as mudanças de regimes de acumulação. Poderíamos colocar a obra recém-lançada, “*A Dialética Revolucionária*” (Viana, 2024), como um aprofundamento da discussão iniciada sobre a episteme marxista no que se refere ao seu campo analítico (um dos quatro campos mentais que formam uma episteme, segundo o autor).

E como essa obra responde à questão inicial acima colocada? Tratando do caráter formal da episteme burguesa e como ela tem impacto sobre o aspecto substancial (conteúdo) expresso em concepções e ideologias. A substância do pensamento burguês é percebida em suas afirmações, concepções, interesses, valores, expressos por cada

* Doutor em Sociologia pela UnB (Universidade de Brasília).

¹ Na verdade, como afirma o autor em ambas as obras, os dois livros seriam apenas um volume, mas foram publicados separadamente apesar do plano original.

discurso. Assim, o discurso de Hitler é oposto ao de Abraham Lincoln, assim como o de Keynes é diferente do de Adam Smith ou, ainda, o de Durkheim difere do de Max Weber. Eles até parecem opostos, mas, no fundo, compartilham a reprodução formal que manifesta a episteme burguesa. O holismo de Durkheim entra em conflito com o individualismo metodológico de Weber; o liberalismo de Smith entra em contradição com o estatismo de Keynes; o democratismo de Lincoln entra em confronto com o totalitarismo de Hitler. Claro que em todas essas concepções existem alguns elementos comuns no seu conteúdo, tal como a defesa da propriedade capitalista, mas isso é perpassado por inúmeras diferenças no que se refere a como fazer isso. A episteme burguesa é coerente com a essência dos interesses burgueses e, por conseguinte, a semelhança entre as diferentes ideias, concepções e ideologias burguesas é não apenas formal, mas nesse aspecto fundamental. Apesar desses dois aspectos (a essência dos interesses burgueses que remete para a reprodução do modo de produção capitalista e a episteme burguesa) não serem facilmente perceptíveis, o segundo deles é de percepção muito mais difícil.

A obra *O Modo de Pensar Burguês* explicita justamente esse aspecto oculto das ideias dominantes, que é a episteme burguesa. Lendo essa obra é possível entender como um operário que tem relativa consciência de classe pode pensar sob forma burguesa, o que traz limites em sua percepção da realidade e perspectiva revolucionária, gerando ambiguidades intelectuais que geram problemas práticos e políticos, incluindo o reboquismo, o reformismo, entre outros problemas. A episteme burguesa, como bem coloca o autor na referida obra, é uma infraestrutura do pensamento, um modo de pensar subjacente do qual as pessoas não estão conscientes, e que tem influência em como se pensa e, por conseguinte, no que se pensa, ou seja, na substância de suas ideias.

Dois exemplos podem esclarecer essa questão. Um sociólogo pode ter acesso a um conjunto enorme de informações sobre determinado fenômeno social e sobre a sociedade em geral, bem como a um conjunto de textos, livros, análises, sobre ambos os casos. Mesmo assim, ele pode optar por acreditar nas ideias de Max Weber ou Émile Durkheim para explicar, por exemplo, a religião. Sem dúvida, existem determinações para isso que remetem para o processo histórico de vida desse indivíduo, sua relação com a religião, etc. Assim, ele pode optar pela concepção durkheimiana, pois sua concepção religiosa e uma determinada interpretação do sociólogo francês podem permitir um “apaziguamento” mental pessoal e a elaboração de determinadas ideias pode promover esse processo de convencimento pessoal. É possível, a partir da obra de Durkheim,

afirmar que o ser humano é um “ser religioso” e que a religião é “verdadeira”, numa interpretação problemática, mas que é aceita por muitos pesquisadores e que tem elementos na concepção durkheimiana que parece corroborá-la. Porém, para chegar a tal conclusão, o uso insciente de aspectos da episteme burguesa é um poderoso instrumento favorável, pois o reducionismo é a base de tal pensamento e, ao lado dele, a recusa de outras concepções, como o materialismo histórico (que é interpretado de forma reducionista, ao afirmar que a “economia determina tudo”, ideia presente em alguns pseudomarxistas, mas não em Marx). E isso tudo está de acordo como campo axiomático da episteme burguesa e é efetivado a partir do seu campo analítico e linguístico. Assim, ao lado de outras determinações, a episteme burguesa – como determinação formal do pensamento – determina e reforça as tendências já existentes do pensamento burguês.

Mais um exemplo: um operário está insatisfeito com suas condições de trabalho, seu salário, seu modo de vida em geral, e tem acesso a certas ideias soltas de Marx, Lênin e outros pensadores que são críticos ou supostamente críticos do capitalismo e uma certa percepção da exploração, dominação e alienação. Esse operário, portanto, quer a transformação social, quer “mudar o mundo”. Porém, ele foi socializado em sua família, comunidade, escola, que, inscientemente, reproduzem a episteme burguesa. Tudo que se diz em nome da ciência aponta para a reprodução insciente da episteme burguesa, inclusive as interpretações do pensamento de Marx e de todos os críticos do capitalismo.

Nesse sentido, quando ele anseia “mudar o mundo”, o faz a partir da episteme burguesa, pois ele pensa em um “novo estado”, “controle operário da produção”, “democracia dos trabalhadores”, etc. O que se observa é que, no fundo, ele pensa num capitalismo reformado, democratizado, “humanizado”. Não consegue ultrapassar o horizonte burguês. Uma das determinações disso é a episteme burguesa que é espalhada na sociedade sob forma subterrânea via ideologias, ideias, produção científica, pseudomarxismo, etc. que traz uma incapacidade de pensar o novo, a utopia autogestionária. O anistorismo, elemento fundamental do campo analítico da episteme burguesa, cria limites mentais intransponíveis. Ele recusa o capitalismo, mas não em sua totalidade, tanto por falta de entendimento mais profundo do que ele é, quanto por influência da episteme burguesa, que aponta para a incapacidade de pensar o radicalmente novo.

Assim, a obra *O Modo de Pensar Burguês*, que poderia ser intitulada *A Episteme Burguesa*, mas, segundo o autor, seria pouco compreensível e afastaria diversos leitores², traz uma abordagem sobre como a burguesia pensa e como o aspecto formal do pensamento burguês se generaliza na sociedade capitalista, atingindo todas as classes sociais (com variações e em certos casos com ambiguidades, bem como existindo exceções, especialmente do marxismo sob forma mais desenvolvida e coerente). Assim, se explicita o que é episteme em geral e também suas manifestações específicas, a episteme burguesa e a episteme marxista.

Não se trata aqui de resumir a obra, mas tão somente apontar a sua substância geral e destacar alguns de seus elementos fundamentais. A obra, além de definir episteme e episteme burguesa (e, no final da obra, a episteme marxista), apresenta os “campos mentais” da episteme (em geral, e depois da burguesa e da marxista, mais especificamente). Cada episteme gera “campos mentais” que são o axiomático, o linguístico, o analítico e o perceptivo. Uma explicação desses campos a nível geral e a sua forma burguesa e proletária-revolucionária (marxista) é fornecida. O autor mostra que cada episteme tem uma base fundada nos interesses de classe, constituindo um conjunto de valores, concepções basilares e sentimentos que são a fonte dos demais campos mentais.

O campo axiomático da episteme burguesa, por exemplo, expressa os interesses da burguesia e por isso apresenta como valores fundamentais o capital, a “livre iniciativa”, etc. O campo analítico expressa os processos mentais reflexivos de cada episteme, cuja forma mais desenvolvida são os métodos³, que no caso da episteme burguesa, são reducionistas, antinômicos e anistóricos.

² O conceito de episteme é definido pelo autor, assim como as duas formas antagônicas, a burguesa e a marxista. A expressão “modo de pensar” é apenas uma forma mais simples de se passar a ideia do caráter formal da episteme, pois é um “modo” (uma forma) e não a substância (o conteúdo, o pensamento). O autor usa a expressão “modo de pensar” para esclarecer que a episteme é isso, mas acrescenta elementos, pois é “subjacente” (geralmente insciente, embora varie de acordo com a episteme, pois a marxista é mais consciente e pode, inclusive a partir de tal obra, se tornar autoconsciente), a burguesa é insciente. Então não se deve substituir “episteme” por “modo de pensar”. O conceito é episteme, o modo de pensar é uma expressão para definir e explicar a episteme, bem como, em certos casos, uma forma mais simples para se fazer entender mais facilmente (embora isso, infelizmente, nem sempre ocorra).

³ As formas mais desenvolvidas e completas de episteme são a burguesa e a marxista. Nas sociedades anteriores, elas são menos desenvolvidas e são mais limitadas. Na sociedade capitalista, com o desenvolvimento da ciência, entre outras formas desenvolvidas de saber noosférico (complexo, que, nas sociedades pré-capitalistas aparecia sob a forma de filosofia, teologia, etc.), a questão do método, especialmente do científico (secundariamente o filosófico e até mesmo o “teológico”, a reboque do pensamento científico e seus procedimentos) se torna uma forma mais desenvolvida do campo analítico. A episteme burguesa parte de elementos como, por exemplo, o atomismo e individualismo, bem como o pluralismo, o que se manifesta na existência de vários “métodos” (tanto os das ciências naturais quanto os das ciências humanas). A episteme marxista, ao contrário, possui apenas um método, o dialético. Porém,

O campo linguístico é o conjunto de signos e sentidos que são gerados pela episteme. No caso da episteme burguesa há uma grande proliferação de termos gerais que a caracterizam (tais como sujeito, objeto, entre diversos outros) e em cada configuração específica da episteme burguesa, que o autor denomina “paradigma”, os termos fundamentais se alteram e outros podem ser criados, mudando ênfases (por exemplo, o paradigma reprodutivista enfatiza a objetividade e o objeto, enquanto o paradigma subjetivista enfatiza a subjetividade e o sujeito), criando arranjos específicos.

Por fim, há o campo perceptivo, que remete para o que a episteme permite perceber da realidade, o que inclui até mesmo as “realidades inventadas”. A episteme burguesa, por exemplo, possui em seu campo perceptivo a sociedade capitalista e as sociedades do passado, mas é incapaz de pensar a sociedade pós-capitalista (a sociedade autogerida)⁴ e todas as tentativas de projetar uma sociedade não-capitalista, o máximo que se chega é a um projeto de capitalismo reformado (que pode significar ser mais estatizado, democratizado, “humanizado”, etc.).

Muito mais poderia ser dito sobre tal obra, inclusive as reflexões históricas sobre a origem e formação da episteme burguesa, a análise da episteme marxista, entre outras questões. Porém, não há espaço para isso. Nos resta dizer que essa obra é inaugural de um novo espaço de reflexão marxista, ampliando a consciência sobre o pensamento burguês, identificando o seu aspecto formal. E isso abre espaço para muitos desdobramentos, tal como as diversas configurações da episteme burguesa expressas em vários paradigmas, bem como o vínculo dos paradigmas hegemônicos com os regimes de acumulação e os interesses e tarefas da burguesia em cada um deles, tal como se vê na outra obra, *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*.

Por fim, resta dizer que a leitura dessa obra é importante para quem quer compreender o pensamento burguês e o pensamento marxista e seu antagonismo, bem como para quem quer contribuir com a superação da atual forma histórica de sociedade, pois a luta cultural é parte da luta histórica do proletariado pela abolição do capitalismo e constituição da sociedade autogerida. A compreensão da episteme burguesa pode gerar um antídoto para que os marxistas não caiam em ambiguidades e problemas relacionados, como foi o destino de todas as formas de pseudomarxismo. Hoje, mais do que nunca, ler

este é muito mais rico e amplo do que todos os métodos oriundos do pensamento burguês. A esse respeito é possível consultar a obra do mesmo autor, *A Dialética Revolucionária* (Viana, 2024).

⁴ O pensamento burguês consegue no mundo da ficção (filmes, obras literárias) pensar o pós-capitalismo, mas aí ele é sempre ucronia, ou seja, algo pior que o capitalismo. Para entender o conceito de ucronia e sua oposição à “distopia”, cf. Bernstein (data).

é fundamental, especialmente para quem quer ser agente mais ativo e consciente do processo histórico e que quer contribuir para a autolibertação humana.

Referências

BERNSTEIN, S. Utopia e Ucronia: Concepções da Sociedade Futura. *Revista Sociologia em Rede*. Vol 06, num. 06, 2023. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rsr/article/view/1182>. Acesso em: 11 abr. 2025.

VIANA, Nildo. *A Dialética Revolucionária*. Goiânia: Edições Redelp, 2024.

VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.

VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês*. Episteme Burguesa e Episteme Marxista. Curitiba: CRV, 2018.

* Recebido em: 10/03/2025

* Aceito em: 15/04/2025